



## PROVOCAÇÕES PARA UM POSSÍVEL DESENVOLVIMENTO DAS PERFORMANCES

Crítica do experimento cênico *Galeria de obras experimentais de arte – performance*, concebido pela 20ª turma do curso técnico em Teatro – SENAC – de Araraquara, apresentado no âmbito na 35ª Semana Luís Antônio Martinez Corrêa

Por Júlia Lise

No Palacete das Rosas, a turma de técnico em teatro do Senac realiza uma galeria de performances em estudo para que o público possa circular entre elas podendo ser vistas de forma livre. Escrevo sobre cada uma delas (em ordem aleatória) com a intenção de tirar cada vez mais os atores da zona de conforto.

### “A Sós” - Júlia Flores

A partir da leitura de qr code, acessamos um áudio feito pela artista que nos conta algumas de suas inseguranças e nos convida a escrever algo que não gostamos sobre nosso corpo em um post-it e colá-lo no manequim.

Esses defeitos percebidos são traços que não se encaixam no padrão de beleza que aprendemos com a sociedade, sendo possível refletir que se realmente estivéssemos “a sós” teríamos essas mesmas inseguranças.

Sobre essa dinâmica, pergunto: O que será feito depois de colar o que não gostamos no manequim? Será que tal atitude não reforça essa onda de ódio sobre nós mesmos? Para burlar esse sistema, por que não escrevemos partes que amamos em nosso próprio corpo nos post-its?

### “REFLEXO” - Junior Roque

Na cena, observamos um espelho grande na parede, uma arara de roupas, uma balança e vários outros itens utilizados para a estética corporal.

Como era uma galeria de performances em que não permanecemos assistindo a cena por completo, foi muito interessante ver a progressão dessa cena. No começo, o ator somente estava escovando os dentes e no final estava totalmente preso com fita pelo corpo e pelo rosto. Essa estrutura causou um impacto primeiramente visual e logo após identificamos a crítica aos procedimentos estéticos que colocam o corpo em risco.



O ator interage com o público o tempo inteiro fazendo daquelas pessoas, seus espelhos. Estando, portanto, rodeado de espelhos, seria possível pensar em “oque fazer depois de apresentar esse problema?”. Como não naturalizar o investimento nas indústrias de estética? Como seria se o ator obedecesse a todos os espelhos? E como seria se o ator desobedecesse a todos os espelhos?

### **“APOSTE NA SORTE” - Renato Victor**

Entre garrafas de bebida, caixas de remédio, cigarros e papéis de loteria espalhados pelo chão, o artista permanece na ação de conferir os números da loteria incansavelmente.

O descuido mostrado pelos itens jogados do cenário, nos indica que o personagem utilizou esses objetos por necessidade, mas não de forma consciente, estando com o foco principal nos bilhetes de loteria e uma obsessão também por bebida, cigarro e remédio.

É possível refletir o antes dessa cena, ou seja, sobre como o artista consumiu cada bebida, cada remédio, cada cigarro. Seria interessante também demonstrar a interação com esses elementos, já que entendemos que ainda continua sendo um vício mesmo se concentrando no prêmio da loteria. Posso pensar em uma ação gradativa, na qual o artista começa fumando um cigarro enquanto confere os números (por exemplo) para que no final essa seja uma ação incontrolável, ou nessa ação contínua e estagnada em que confere números e consome bebidas, cigarros, remédios sem prestar atenção.

### **“Veja-me” - Luana Rocha**

Em uma crise sensorial autista, a artista nos pede para ajudá-la a lidar com o excesso de estímulos sonoros e visuais. O cenário possui uma cadeira, fones de ouvido, óculos de sol, um copo de água e símbolos que remetem ao autismo.

É muito interessante conscientizar o público das diferentes vivências que uma pessoa pode ter. Refletindo, principalmente, o fato de que existem indivíduos que se incomodam com elementos do cotidiano que passam despercebidos como os sons, as luzes, o toque e a temperatura.

Por outro lado, reforça o estigma da pessoa com deficiência que sempre depende de alguém e sempre precisa de ajuda. Partindo disso, também nos indica uma certa passividade do indivíduo autista colocando novamente os neurotípicos como protagonistas da conscientização.



Em um cenário de crise sensorial, pergunto: será que todos aqueles objetos disponíveis sempre vão aliviar a crise? Se aliviam, por que a artista os devolve constantemente ao cenário? Será que a pessoa autista sempre aceitará todas as sugestões do público? Como seria se essa crise aumentasse e a autista demonstrasse sem medo o seu jeito de estar no mundo?

Seria interessante direcionar o público ao entendimento de que, por mais que os autistas precisem se adaptar aos ambientes a todo momento, possuem seu estilo de vida, suas vontades, seus objetivos e sua voz.

### **“O Intervalo” - Bob**

Nesta cena, há uma mesa com papéis e canetas, juntamente a uma caixa aberta com a palavra “liberdade”. O artista, inicialmente, está sentado a essa mesa escrevendo. Quando chegamos, nos deparamos com um grande cartaz com a pergunta “o que você diria para seu chefe?”.

O público, ao escrever nos papéis, deposita na caixa e em um determinado momento, com o auxílio de um megafone, o artista lê todos aqueles papéis.

Destaco o nome da performance que é muito interessante por representar um momento de respiro em que, nessa proposta, é libertador. Também seria possível fazer um experimento tratando a caixa como um segredo dos funcionários, deixando-a um pouco mais escondida para ser utilizada no intervalo.

### **“A coisa tá preta” - Nathiele França**

Nessa performance, a artista interage com objetos como bandeira do Brasil, confetes, vela, sapato, produtos de limpeza, entre outros. Ao lado possui uma cadeira nos indicando para colocar o fone que estava em seu assento.

A ideia dessa performance é muito interessante pela escolha dos elementos que possuem vínculo com acontecimentos e atitudes racistas, como por exemplo quando a atriz se pinta com tinta branca representando a cultura do embranquecimento. Já a cadeira com o fone de ouvido, não considero necessários por parecerem informação demais. Somente a artista e os objetos possuem potencial de nos fornecer um sentido completo para o tema.



Como foi feita a escolha de muitos elementos, é importante que a artista se organize mais para criar a passagem de um objeto para o outro, fazendo uma estrutura que cativa o público. Para isso, poderia deixar mais nítido o motivo da presença de cada objeto.

Sabendo que era uma galeria de performances e observamos pequenas partes, diria que essa cena seria melhor compreendida se assistíssemos do começo ao fim, pois ao vermos somente uma parte específica, algumas atitudes ficam sem contexto para o público. Sendo assim, sugiro que essa performance seja desenvolvida como uma cena solo.

### **“Presente Futuro” - Junior Freedom**

Sentado em uma cadeira, o artista assiste na televisão um documentário sobre as consequências do lixo residencial para o meio ambiente. O chão e o móvel que está sob a tv se encontram cobertos por embalagens e objetos que iriam para o lixo.

Sobre a mensagem passada, posso pensar em duas possibilidades: o personagem jogar o lixo para dentro de casa para não prejudicar o meio ambiente; ou a contradição do personagem em assistir a notícia e consumir muito plástico mesmo assim.

Pelo cenário, sabemos que o personagem consome excessivamente. Seria interessante o personagem continuar consumindo enquanto assiste tv para evidenciar ainda mais essa falta de culpa colocada na sinopse.

### **“Caixa de coisas não ditas” - Vitória Chiossi**

Com os colchonetes no chão, as pessoas são convidadas a deitar, refletir sobre coisas que deixaram de dizer, escrever tais coisas em um papel e coloca-lo na caixa. Logo após, a artista faz uma massagem aromática no rosto dos participantes.

É extremamente poética a ideia de colecionar mensagens que nunca foram enviadas. Mais ainda, pensando que ao guardá-las em uma caixa, ao invés de resolver essa questão do envio, as palavras recebem um acolhimento por estar na caixinha. Como se fosse um “entre”. A informação não está mais no emissor e também não está no receptor.



Também seria possível pensar nas perguntas: como demonstrar exatamente o motivo da proposta de finalizar com um aroma? O que a artista irá fazer com as nossas palavras não ditas? Ler cada uma? Mantê-las na caixa para sempre?

### **“E.X.P.O.S.I.Ç.Ã.O” - Samira Arruda**

Nos deparamos com a artista vendada, com os braços amarrados e com a boca tapada por uma fita. Ao seu lado, estão dois cartazes que nos convidam a escrever em sua pele o que sentimos e/ou pensamos.

Essa proposta é muito relevante por evidenciar a presença de corpos negros na sociedade. De início, pergunto: “exposição” de que exatamente? Penso que o público estava até mais exposto do que a artista por estarmos mostrando nosso rosto enquanto a artista não. A primeira exposição que vi, foram os olhos sendo descobertos.

A referência mais lembrada quando vemos performances em que uma artista fica em uma posição passiva para que a plateia interaja livremente é Marina Abramovic. Partindo desse referencial, percebemos uma certa sutileza ao abordar esse tema dessa maneira.

Para um possível desenvolvimento desse trabalho, questiono: Qual o motivo de convidar o público a escrever no corpo da artista? O que as pessoas escreveram condiz com as falas do cotidiano sobre corpos e corpos negros?

### **“ESTÔMAGO” - Esdruxula e Aghata**

A performance começa 21h30 com as artistas dizendo “Nove e meia no banheiro” e pede para não tocarmos nos alimentos. Essa cena acontece dentro do banheiro, um local pequeno em que poucas pessoas por vez podem entrar.

Quando cheguei, a cena já tinha acabado e as artistas, além de avisar que tinha acabado, nos disseram que “não escolher também era uma escolha”. Imaginei que fazia parte da continuação da performance até que começaram a nos explicar o que tinha acontecido antes (o público escolhia os alimentos para a artista comer e acabava quando as pessoas paravam de escolher).



Seria interessante fazer um experimento, no qual as artistas continuassem no clima da performance (mesmo tendo acabado) e nos falasse somente a moral deixada pela cena: não escolher também é uma escolha. Essa escolha foi feita pelas atrizes (em optar por um espaço menor), pelo espaço que não abriga muitas pessoas e pelo público que não deu prioridade a essa performance.

### **“Cerimônia do chá com o desconhecido” - Link**

Em um lugar mais isolado, na parte de cima do Palacete das Rosas, o artista convida uma pessoa por vez para a tomar um chá. Cabe ressaltar que, devido a quantidade de público, não teve tempo o suficiente para chamar a todos.

Como fui uma das pessoas não chamadas, diria que é interessante o formato dessa performance, sabendo que possuo referência de artistas que propõem essas conversas em espaços públicos (como o “Ensine-me a fazer arte” de Tania Alice)

Sobre a dinâmica da cena nesse contexto, precisaria de mais organização para que o público não tenha que esperar em uma fila enquanto poderia estar contemplando outras performances.

### **“PANAPANÁ” - Guhs**

Em um espaço parecido com um camarim, o público entra e se depara com o artista em pé e muitas roupas no chão, em que somos convidados a vesti-lo como quisermos ou nos vestir.

Pensando no nome da performance, pesquisei e entendi que são borboletas que migram para se desenvolverem. Como esse é um vínculo inesperado, é importante que tenha, ao menos, rastros dessas borboletas para que não fique tão desconexo o título da ação. Seria possível mostrar a associação da mudança de lugar das borboletas com a mudança de roupa do artista para que cative mais o público. Como não vemos essa associação, perdemos esse contexto.

Para o desenvolvimento dessa cena, pergunto: O que fazer com essa mudança de roupa? Para que estamos mudando de roupa? Sabendo que as borboletas migram para se reproduzir, a proposta é a mesma para as pessoas? Como nos mostrar a importância dessa mudança?



\* Este texto é um desdobramento prático-pedagógico da ação formativa “Introdução à crítica teatral: por uma poética do olhar”, ministrada por Guilherme Diniz (MG), como parte da programação da 35ª Semana Luís Antônio Martinez Corrêa \*

Apoio:



PROEC  
Pró-Reitoria de Extensão  
Universitária e Cultura



Programa de Pós-Graduação  
em Estudos Literários

Parceria:

Realização:

Secretaria Municipal de  
Cultura e Fundart



Prefeitura Municipal  
de Araraquara